



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Doze curtas-metragens, representando sete estados brasileiros, vão disputar o Kikito, principal troféu do Festival de Gramado na categoria de curtas. A seleção reúne produções de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rondônia e São Paulo, além de uma coprodução entre Brasil e França. Entre os títulos estão “A Menina que Queria Ser Pedra”, de Jackson Abacatu; “As Gêmeas”, de Vanessa Aguiar; “Divino: Sua Alma, Sua Lente”, de Clea Torres e Gilson Costa, com codireção de Divino Tserewahú; “Fúrias”, de Nica Maleoa; “Graxa e o Zepelim”, de Camilo Soares; “Maior que a Casa Toda”, de Fabiano Barros e Neto Cavalcanti; “Mulher Papaya”, de Camila Tarifa; “Pão Doce”, de Wesley Gabriel Silva Santos; “Pique-Pega”, de Mia Lima Rocha; “Revelação”, de Gabriela I. Gaia; “?? (Shibal)”, de João Rubio Rubinato; e “Um Passeio”, de Thalles Cabral e Fernanda Rocha. Esses títulos têm duração entre 9 e 21 minutos.

Atento à prata da casa, o festival promove ainda a Mostra Competitiva Sedac Iecine de Longas-metragens Gaúchos. O certame reunirá cinco produções que refletem a diversidade do audiovisual do Rio Grande do Sul, entre ficção e documentário, com foco em temas como identidade, memória

Desta até o dia 22, o site oficial de Gramado reúne pérolas numa mostra online acessível. O maior tesouro desse canteiro digital do festival, este ano, é assinado por um roqueiro, escritor, professor e, sobretudo, bamba da direção: Carlos Gerbase. “Bio” (2018) é um de seus filmes de vísceras sentimentais à vista. Reencontrá-lo via web é um jubilo.

Nos tempos em que o Rio Grande do Sul vicejava as telas do país com narrativas de invenção, consolidando-se como uma das jazidas mais auríferas de originalidade em formas e tramas, ao longo dos anos 1980 e da primeira metade dos 90, Gerbase surgiu como se fosse um sátiro no Olimpo de realizadores instigados pelos gargalos políticos da época. Chegou chegando, sempre a propor uma reflexão sobre o desejo como exceção às regras impostas. Curtas



Pique-Pega leva estrelas como Carlo Duarte e Malu Galli para a competição de curtas

Tradição nacional nos curtas e gaúcha nos longas

Disputa promete ser acirrada nas premiações das duas categorias

e resistência. A seleção inclui “A História Mais Triste do Mundo”, de Hique Montanari, que combina live action, animação e teatro de bonecos numa história de amadurecimento infantil. Entra em

campo ainda “Remanente - Voltagem”, de Kapel Furman, mistura drama, terror e ficção científica ao acompanhar dois paramédicos que libertam acidentalmente uma criatura dotada de poderes eletro-

magnéticos. Já “Darcy Fagundes meu Famoso Pai Desconhecido”, de Luciane Fagundes, reconstrói afetivamente a trajetória de um dos grandes nomes da rádio gaúcha. Em “Filhas da Lua”, de Tatiana Sager, acompanha quatro travestis que, após sobreviverem ao sistema prisional, enfrentam novos obstáculos em busca de uma mudança de vida. Em “Morro da Cruz - Memória Popular”, Crys-tom Afronário filma relatos de moradores, estudantes e artistas sobre a construção da identidade cultural e a celebração da periferia de Porto Alegre.

Na véspera de fechar sua festa, no dia 21, Gramado vai matar saudades dos tempos em que realizava competições com títulos hispano-americanos ao receber, do Chile, “La Perra”, de Dominga Sotomayor, que estreou na Quinzena de Cineastas de Cannes e vai para San Sebastián, em setembro. É uma produção de Rodrigo Teixeira, e sua RT Features, com Selton Mello no elenco. Sua diretora entrou de vez pro time de grandes autoras do cinema latino ao faturar o prêmio de Melhor Direção no Festival de Locarno, em 2018,

com “Tarde para Morrer Jovem”, longa que também disputou o Leopardo de Ouro representando o audiovisual chileno.

“La Perra” saiu de Cannes com a Palm Dog, troféu de melhor representatividade canina, por conta da cadela Yuri, filhote de rua que ocupa papel central no drama. O filme acompanha o cotidiano de Silvia (papel de Manuela Oyarzún), uma mulher solitária marcada por um passado doloroso, que vive em uma ilha isolada e castigada pelo vento. Ao acolher o animal, ela decide chamá-lo de Yuri, nome originalmente escolhido para a filha que nunca teve. Essa amizade canina sublima dores.

Em meio à consagração de “La Perra” em terras gaúchas, Selton ganhará o Kikito de Cristal em parceria com a atriz Maria Fernanda Cândido. O troféu celebra carreira que transcendem as fronteiras do país e do continente. Essa honraria passou a ser entregue em 2007, quando foi confiada ao documentarista carioca Eduardo Coutinho (1933-2014), e já foi entregue a gigantes de outras pátrias. Os argentinos Cecilia Roth e Juan José Campanella, a germânica Mariëtte Rissenbeek, o uruguaio Cesar Troncoso e o moçambicano Ruy Guerra receberam esse solzinho cristalizado, além do titã baiano Othon Bastos, coroado com esse mimo em 2013, e o divo de Petrópolis Rodrigo Santoro, agraciado por Gramado em 2025.

No dia 23, a premiação será anunciada. O júri dos seis longas ficcionais será composto pelas atrizes Cris Vianna e Helena Rinaldi; pelo cineasta Fabio Meira; pela curadora, pesquisadora e professora Kênia Freitas e pelo ator Marcelo Serrado. Os quatro longas da leva documental serão julgados pela diretora e atriz Bárbara Paz; o ator Caco Ciocler; e o produtor, compositor e fotógrafo Paulo Mendonça.

Em bossas online de Gramado, ‘Bio’ ganha uma segunda vida

seminais como “Sexo & Beethoven – O Reencontro” (1980) e “O Corpo de Flávia” (1990) e o longa-metragem “Tolerância” (2000), um marco erótico de nossa Retomada, depuraram a estética avessa a juízos morais construída por ele em paralelo a uma vibrante jornada literária. Sua prosa, expressa em romances (“Professores”) e contos (“Como Comer a Pêra” é uma joia de escrita), é igualmente marcada por ensaios observacionais sobre o embate entre os verbos “desejar” e “obedecer”. E a cada mergu-

lho dele nas telas, essa observação busca dispositivos narrativos que transgridam o lugar comum dos filmes sobre afetos, como é o caso de “Bio – Construindo uma vida”, laureado com o prêmio do júri popular de Gramado, em 2017. Essa produção conquistou ainda um (merecidíssimo) Prêmio Especial do Júri Gramadense, dado à sua fina direção de atrizes e atores – são 39 estrelas ao todo, revezando-se em depoimentos. Tudo segue um formato de mockumentário. Esse é o nome que se usa pra designar fal-

sos documentários, como é o caso de “Zelig” (1983) e “This is Spinal Tap” (1984).

Em “Bio”, escudado pela fotografia de Bruno Polidoro, Gerbase atomiza as cartilhas do biopic ao construir a biografia de um cientista fictício. Seu nome sequer é citado, mas seus feitos, em suas pesquisas sobre símios e em suas cirandas amorosas, mexeram com a vaidade de muita gente, em seus 110 anos. Entre o fim dos anos 1950 e um futuro de 2070, parecido com o que Jia Zhang-ke esboça em “As Mon-

tanhas Se Separam” (2015), o pesquisador criado por Gerbase protagonizou peripécias românticas e profissionais das mais inusitadas. É o que nos contam o psicólogo vivido por Marco Ricca (num show de elegância), a médica encarnada por Maitê Proença com uma ironia ferina ou a dúvida exobióloga interpretada por Maria Fernanda Cândido, que ganhará o Kikito de Cristal por feitos como este.

Cada uma das pessoas filmadas por Gerbase peça num puzzle sobre modos de amar, de perder e de gozar num Brasil cheio de cabrestos, incluindo sexuais. A montagem de Milton do Prado dá uma progressão aritmética a cada fala delas, criando uma contínua exponenciação de desabafos que se complementam seja pela atração, seja pela controvérsia. É um filme onde a inteligência nos guia memória adentro. **(R.F)**